

Perspectivas da hipótese “Qumran-essênios”: a propósito de um livro de Gabriele Boccaccini

*Jonas Machado**

Resumo

Considerando a publicação do livro de Gabriele Boccaccini sobre a hipótese enóquico-essênia em português, este artigo desenvolve um apanhado histórico geral sobre a supremacia da hipótese Qumran-essênios, com seus defensores e questionadores, resume e avalia a teoria de Boccaccini e apresenta algumas considerações a serem levadas em conta em metodologias de abordagem desse tema na atualidade.

Palavras-chave: Judaísmo antigo; manuscritos do Mar Morto; hipótese Qumran-essênios; hipótese enóquico-essênia.

Perspectives on the “Qumran-Essene” hypothesis after Gabriele Boccaccini’s book

Abstract

Considering the Portuguese edition of Gabriele Boccaccini’s book on the Enochic-Essene hypothesis, this article develops a general historical summary on the supremacy of the Qumran-Essene hypothesis, with its advocates and questioners, summarizes and evaluates Boccaccini’s theory, and presents some issues to be considered in methodologies approaching this subject nowadays.

Keywords: Ancient Judaism; The Dead Sea Scrolls; Qumran-Essene hypothesis; Enochic-Essene hypothesis.

Perspectivas de la hipótesis “Qumran-esenios”: a propósito de un libro de Gabriele Boccaccini

Resumen

En consideración a la publicación del libro de Gabriele Boccaccini acerca de la hipótesis enoquica-Esenia en portugués, el artículo hace una reseña histórica general acerca de la supremacía de la hipótesis Qumran-Esenios, con sus defensores y contrarios.

* Doutor em Ciências da Religião pela Umesp, pós-doutorando em História Antiga pela Unicamp com estágio na Universidade de Oxford, Inglaterra. Pesquisador da Fapesp.
E-mail: machadojs21@terra.com.br.

Hace también un resumen y evaluación de la teoría de Boccaccini y presenta algunas consideraciones que deben constar en metodologías de abordajes con respecto a este asunto en la actualidad.

Palabras clave: Judaísmo antiguo; los Manuscritos del Mar Muerto; hipótesis Qumran-Esenios; hipótesis enóquica-Esenia.

Introdução

Os Manuscritos do Mar Morto, agora incluídos na designação mais ampla “Manuscritos do Deserto da Judeia”, foram quase todos publicados. Dos primeiros documentos encontrados na caverna 1, os principais já estão disponíveis na internet por meio de uma parceria entre o Museu de Israel e o Google, e podem ser acessados em dss.collections.imj.org.il. Os debates em torno deles continuam.

Um destes debates diz respeito ao grupo que está por trás desses documentos, um tema de crucial importância para um melhor entendimento desses textos. A tese que ainda prevalece é a de que esse material era de propriedade dos essênios, citados principalmente por Josefo, Filo e Plínio.

No âmbito dessa controvérsia, recentemente foi publicado em português o livro de Gabriele Boccaccini, que propõe uma tese inovadora, mas que representa não uma alternativa, mas um desenvolvimento da mencionada teoria prevalecente.

Aproveitando o ensejo dessa excelente publicação no Brasil, este artigo procura apresentar um resumo desse debate desde o descobrimento desses manuscritos até recentemente, com o intuito não só de localizar e avaliar essa obra em seu contexto geral, mas também contribuir para uma discussão sobre a elaboração de ferramentas metodológicas para desenvolvimento desse tema diante da atual situação dessa pesquisa.

A supremacia da hipótese Qumran-essênios

Logo após a primeira descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, cuja data tradicional é 1947, surgiu a teoria de que estes textos tinham por trás de si os essênios, citados na Antiguidade principalmente pelos autores clássicos Josefo, Filo e Plínio. Esta veio a ser chamada de “hipótese essênica”, ou “Qumran-essênios”. Foi apresentada pela primeira vez por Eleazar Sukenik e Millar Burrows, de modo independente um do outro, e desenvolvida por André Dupont-Sommer logo depois, e hoje é sustentada pela maioria dos estudiosos (Lim; Collins, 2010, p. 5).

Sukenik foi, na verdade, o primeiro estudioso acadêmico que teve contato direto com esse material, e representa o início dos estudos acadêmicos dos Manuscritos do Mar Morto. Já em 1948 ele havia afirmado que a “Regra da comunidade”, um dos primeiros textos que estudou, o levava a crer que o conjunto de manuscritos encontrados tinha pertencido à seita dos essênios

(SUKENIK, 1948, p. 16). Ele entendeu que os essênios, citados pelos referidos autores clássicos, estavam por trás desses documentos e teriam usado as cavernas próximas a Qumran como um *guenizá*, palavra hebraica que se refere a um depósito de documentos geralmente em desuso, anexo à sinagoga (SUKENIK, 1955, p. 22-24).

Millar Burrows, por sua vez, foi desenvolvendo seu trabalho conforme os manuscritos iam sendo encontrados e as pesquisas preliminares, incluindo as dele, iam sendo publicadas. Em meio à avalanche de publicações que surgiam em torno das descobertas e que já traziam diversas hipóteses sobre o contexto dos manuscritos, Burrows (1958, p. 253-274) optou por apresentar seu argumento a favor da hipótese essênica pelo método de exclusão. Ele primeiro procurou demonstrar por que as outras possibilidades (fariseus, saduceus, samaritanos, zelotes e cristãos) reuniam menor probabilidade de explicar corretamente a relação entre os referidos documentos e os grupos judaicos do período.

Mas no início das pesquisas qumrânicas, o grande nome por trás da hipótese essênica é André Dupont-Sommer. Em seu trabalho preliminar, ele enumerou vários paralelos, aos quais chamou de numerosos e característicos, entre os manuscritos e as descrições dos essênios encontradas nos autores clássicos, ao passo que reconheceu que existem diferenças em certos pontos (DUPONT-SOMMER, 1952, p. 85-96).

Este estudioso francês destacou-se como o desenvolvedor da hipótese essênica, dedicando amplo espaço ao tema em suas obras, com argumentos vigorosos que sustentavam essa opinião, que ele mesmo diz ter adotado desde o princípio (DUPONT-SOMMER, 1956, p. 3). Alguns chegaram a dizer que ele foi “o primeiro a propugnar a identificação essênica da seita qumrânica” (GARCÍA MARTÍNEZ; BARRERA, 1996, p. 97).

Dupont-Sommer acreditava que os manuscritos representavam uma visão interna do pensamento dos essênios, cujas discrepâncias com os autores clássicos seriam explicadas pela falta de conhecimento mais acurado destes em relação àquela comunidade. Para ele, os manuscritos de Qumran poderiam não só suplementar os relatos destes autores, mas também corrigi-los (DUPONT-SOMMER, 1961).

Segundo Golb (1996, p. 75-76), o trabalho de Dupont-Sommer foi um divisor de águas no sentido de que, a partir de então, pelo prestígio que ele gozava no mundo dos estudos semíticos, por seu poder de persuasão e sua posição¹, a grande maioria dos estudiosos do assunto rendeu-se aos argumentos apresentados em favor da hipótese Qumran-essênios, inclusive ele mesmo, inicialmente.

¹ Golb acrescenta ainda que Dupont-Sommer foi eleito secretário vitalício da Académie des Inscriptions e Belles Lettres em 1968, cuja autoridade contribuiu para que as mais importantes universidades dos Estados Unidos da América e da Europa, incluindo todas as instituições israelenses de estudos superiores, aderissem a essa opinião, que se tornou tradicional.

Outro estudioso cuja posição e competência somaram para o estabelecimento dessa hipótese foi o padre dominicano francês e arqueólogo Roland Guérin de Vaux. Na obra aqui consultada, que é uma reimpressão do resultado de *The Schenich Lectures of the British Academy*, de 1959, De Vaux (2004, p. v-x) apresentou uma síntese do que já tinha sido apresentado na *Revue biblique* de 1949 até aquela ocasião. Este trabalho, no qual ele diz ter se esforçado para não apresentar conclusões prematuras, teve grande impacto e permanece influente até hoje. Este resultado está relacionado à soma da qualidade da obra com a posição que De Vaux assumiu a partir de 1952 como líder da equipe que ganhou acesso exclusivo ao material descoberto e se responsabilizou pelas pesquisas e publicação.

Concentrado numa perspectiva arqueológica, como diz o título do livro, no final De Vaux (2004, p. 109-138) apresentou uma avaliação da organização, história e filiação da comunidade de Qumran. Especialmente neste trecho, ele discutiu a relação Qumran-essênios.

Convencido de que havia uma relação entre os manuscritos encontrados e as ruínas de Qumran, De Vaux acreditava que as evidências apontavam para a existência de uma comunidade religiosa numerosa em Qumran naquele período. Para ele, havia uma conexão entre as ruínas e os manuscritos encontrados.

Ao falar do que chama de “afiliação da comunidade”, isto é, da relação entre a comunidade por trás de Qumran e os grupos judaicos conhecidos do período, De Vaux declarou-se cauteloso quanto a uma conclusão precipitada. Ele partiu da famosa divisão tripartite do judaísmo do período apresentada por Josefo, que afirmou terem existido três ordens principais: os saduceus, os fariseus e os essênios. A questão seria em qual destes três grupos os manuscritos encontrados se enquadrariam melhor.

De Vaux usou um método de exclusão baseado nos vários graus de probabilidade, ao mesmo tempo afirmando que a arqueologia, por si mesma, não poderia excluir nenhum dos três partidos. Admitindo certas discrepâncias, e já consciente de que o essenismo poderia ter experimentado uma evolução e variação de tendências, ele acreditava que a comunidade qumrânica era essênica em caráter, o que equivalia a dizer que, entre os três partidos, o essênio era o que mais se enquadrava nas evidências.

J. T. Milik, um dos integrantes da equipe de Roland de Vaux, também tratou do tema em suas obras. Ele acreditava que diante das evidências arqueológicas de que as ruínas de Qumran apontam para a existência de uma comunidade religiosa sem igual na região, é inescapável que se tratava da mesma comunidade de essênios descrita por Filo e Josefo (MILIK, 1963, p. 56). Para ele, portanto, a hipótese essênica era a única que poderia explicar a existência e localização daqueles antigos textos.

A descoberta desses documentos e a rápida constatação de sua importância singular desencadearam uma verdadeira avalanche de publicações logo nos primeiros anos, entre as quais estavam essas de autores de vanguarda, aqui sumariadas. Essas publicações demonstram que desde o início ocorreu praticamente uma dogmatização de uma relação triangular – os sítio de Qumran, os manuscritos encontrados nas cavernas e os autores clássicos Josefo, Filo e Plínio –, relação esta tida como evidente. Os manuscritos teriam pertencido à comunidade judaica que teria vivido no que é hoje o sítio de Qumran, algo que teria sido registrado por estes escritores clássicos ao falarem dos essênios.

Entre os estudiosos da segunda geração, se assim pudermos chamar, a situação não mudou muito. A preferência pela hipótese já tradicional, ainda que com algumas novas teorias sobre detalhes subjacentes, continua bem visível nas obras mais recentes. Os exemplos citados abaixo são de alguns pesquisadores que hoje têm o privilégio de fazer parte do vasto time de especialistas que têm contribuído com a publicação crítica do material de Qumran no *Discoveries in the Judean Desert* (DJD).

Gesa Vermes (1997) é um judeu estudioso de Qumran que, como todos os outros judeus, foi privado do acesso a esse material judaico em poder da equipe oficial, que não tinha nenhum representante judeu. Ele criticou duramente a restrição de acesso aos manuscritos à equipe de Roland de Vaux e a demora das publicações. A importância de mencioná-lo, além de sua influência e amplo trabalho na área, é que, embora em oposição frontal à equipe liderada por De Vaux pelas razões citadas, ele também adotou a hipótese tradicional essênica.

Vermes resume as bases do posicionamento comum em favor da hipótese Qumran-essênios em três aspectos, a saber: (1) somente Qumran corresponde ao assentamento essênico descrito por Plínio entre Jericó e En Gedi; (2) o período de atividades essênicas entre as duas revoltas judaicas (150AEC–70EC), datado por Josefo, coincide com a ocupação sectária em Qumran; e (3) as semelhanças entre vida em comunidade, organização e costumes tornam muito provável a identificação das duas comunidades, ao mesmo tempo em que as diferenças podem ser explicadas (VERMES, 1997, p. 76).

García Martínez é o principal nome relacionado à hipótese de Groningen, uma sofisticação da teoria tradicional que recebeu esse nome por causa do Congresso realizado na cidade de Groningen, Holanda, em cuja Universidade ele se tornou diretor do Instituto Qumran. Mas a origem desta hipótese está um pouco antes, em meados dos anos 1980, quando García Martínez a apresentou num simpósio realizado na cidade de Córdoba, Espanha, e cujo texto está publicado em português (GARCÍA MARTÍNEZ, 1996).

O cerne dessa teoria é que, ao mesmo tempo em que mantém a hipótese tradicional Qumran-essênios, procura dar melhores explicações às discrepâncias que são reconhecidas, mas não tidas como suficientes para por em risco a validade da hipótese tradicional.

No Congresso de Groningen, essa teoria foi sumariada (GARCÍA MARTÍNEZ; VAN DER WOUDE, 1999, p. 521-541). García Martínez considerou que os documentos encontrados faziam parte de uma biblioteca de um grupo judaico que viveu aos arredores de Qumran. Nem todos os documentos tiveram origem ali, mas formavam uma unidade que pode ser descrita como uma biblioteca religiosa conforme os interesses de um grupo sectário.

A partir da hipótese essênica tradicional, a hipótese de Groningen representou um avanço posterior que ganhou notoriedade. Chegou até mesmo a ser aclamada como próxima de um consenso entre estudiosos do assunto (BAUMGARTEN, 2005, p. 257).

García Martínez (2011, p. 17-29) acredita que a nova situação atual em relação à época da elaboração dessa hipótese pede que dois pontos principais sejam levados em conta numa revisão: o fato de que as publicações dos últimos textos revelaram que os manuscritos “para-bíblicos” são proporcionalmente bem mais representativos em número e a consciência de que os rótulos geralmente utilizados não são neutros.

García Martínez (2011, p. 17-29) atualmente resume a hipótese em cinco pontos, a saber:

1. as origens dos essênios e do movimento de Qumran foram distintas;
2. as origens do movimento essênio estão nas tradições apocalípticas da Palestina antes da crise de Antioquia, no final do século III ou início do século II AEC;
3. as origens do grupo qumrânico estão numa dissidência no meio do movimento essênio, em consequência do que o grupo leal ao Mestre da Justiça se estabeleceu finalmente em Qumran;
4. a designação “sacerdote ímpio” é coletiva, referindo-se a diferentes sumos sacerdotes harmoneus em ordem cronológica;
5. a essas circunstâncias é necessário enfatizar a importância do período formativo do grupo qumrânico antes de sua retirada para o deserto, e deixar claro o desenvolvimento ideológico, os elementos haláquicos e os conflitos políticos que tiveram lugar durante o período formativo que culminou no rompimento que levou a comunidade a se estabelecer em Qumran.

Segundo García Martínez, o núcleo dessa hipótese é considerar o grupo de Qumran como dissidente de um grupo parente, tomando seriamente as indicações do começo do Documento de Damasco e de outros manuscritos

que mencionam o Mestre da Justiça, como o Peshet Habacuque, em torno de quem estava centralizada tal dissidência.

A principal crítica a essa hipótese é que aparentemente o grupo está separado não de outro grupo parente, mas de todo Israel. García Martínez, entretanto, acredita que, mesmo com as novas publicações, o núcleo de sua hipótese permanece válido, pois as publicações mais recentes têm demonstrado uma história redacional complexa dos documentos sectários de Qumran, o que sugere grupos diferentes, mas relacionados. As referências a “nós” e “outros” nesses documentos não se limitam a distinguir os de Qumran dos outros judeus em geral, mas incluem o outro grupo do qual a seita qumrânica tinha se separado.

García Martínez está consciente de que a hipótese carrega as marcas do tempo em que foi formulada, há mais de vinte anos, e carece de revisão, mas acredita que alguns de seus *insights* ainda são úteis para ajudar a dar sentido aos dados complexos existentes.

Em seu premiado livro de introdução geral aos manuscritos de Qumran, publicado originalmente em 1994, e no Brasil em 1995, cuja segunda edição foi publicada recentemente, VanderKam (2010b, p. 97ss) dedica um espaço significativo à discussão do assunto e mantém a hipótese tradicional como a melhor opção e sua hipótese de trabalho. Numa linguagem acessível, ele faz um levantamento dos argumentos tradicionais baseados nos paralelos com a descrição dos essênios feita por Plínio e nos paralelos relativos a costumes e crenças entre o que os autores clássicos dizem sobre os essênios e os textos de Qumran. Essa nova edição está atualizada e demonstra consciência dos desenvolvimentos em vários aspectos dos estudos desses manuscritos e as novas objeções à hipótese Qumran-essênios; mesmo assim, mantém esta hipótese tradicional.

Enfim, merece menção o manual de Oxford. Este manual, editado recentemente por Timothy Lim e John Collins (2010), faz um apanhado do estado atual dessa hipótese tradicional. Fiel a seu objetivo, a obra pretende dar espaço aos temas em disputa, reconhece a hipótese essênica como aceita pela maioria e dedica alguns capítulos aos subtemas desse assunto que caracterizam as maiores divergências entre os pesquisadores.

Portanto, os principais argumentos que sustentam a hipótese Qumran-essênios podem ser classificados em dois grupos: 1) arqueológicos e geográficos; 2) literários e históricos. Entrementes, é importante observar que tais argumentos aparecem interconectados, direta ou indiretamente, desde o princípio e, provavelmente, nunca poderão ser tomados de forma independente. Aliás, é até necessário reconhecer que tentar considerá-los de forma independente é um procedimento artificial, ainda que didático,

uma vez que os “fatos” incluem esses aspectos entrelaçados, isto é, o local, os documentos e a época.

Alternativas à hipótese Qumran-essênios

Na verdade, vários dos principais expoentes da hipótese em questão, como Burrows (1958, p. 274) fez desde o início, têm alertado quanto ao simplismo precipitado e descuidado da prática comum de citar paralelamente as referências de Josefo, Filo e Plínio aos essênios com os documentos de Qumran. Mas o fato é que, em âmbito popular e em certos círculos acadêmicos, a hipótese essência é tida como certa e resolvida, e os paralelos alegados, citados sem maiores explicações, são abundantes. Todavia, é preciso ressaltar que essa hipótese tem limites e mesmo incoerências que, para alguns, são insuperáveis.

Um dos primeiros a integrar a lista dos que não se enquadraram na hipótese tradicional foi Cecil Roth. Após apresentar uma análise do contexto histórico dos Manuscritos do Mar Morto, Roth (1958, p. 81-82) acreditava que existem sérias objeções à teoria de que o grupo por trás dos manuscritos era a comunidade essênia. Além de doutrinas e práticas que não coincidem, a principal dificuldade, segundo Roth, seria que Plínio apresenta os essênios como ainda existentes após a guerra de 66-73 EC e a destruição de Jerusalém, ao passo que Qumran foi abandonado após essa guerra.

Na mesma linha de Roth estava Godfrey R. Driver (1965), um grande estudioso da antiguidade semita e árabe, que se esforçou para defender a teoria de que os habitantes de Qumran eram, na verdade, os zelotes do século I EC. Para ele, especialmente os documentos sadoquitas foram escritos no século II EC, provavelmente entre os anos 106 e 115, mas certamente antes de 132.

Entrementes, Norman Golb é um dos nomes mais citados quando se trata de opositores à hipótese Qumran-essênios. Na verdade, ele se opõe até mesmo à hipótese de que há uma relação entre as ruínas de Qumran e os manuscritos encontrados, a qual evidenciaria a existência de um grupo qumrânico específico que teria vivido naquelas imediações e que estaria por trás desses documentos. No final dos anos 1960, Golb começou a se desencantar com a teoria tradicional e apresentou uma alternativa em fevereiro de 1970, numa palestra no Albright Institute, em Jerusalém, que só foi publicada em 1980, cujo atraso ele insinua ter ocorrido por pressão político-ideológica em favor da posição tradicional.

A tese básica de Golb (1996), desenvolvida em seu principal e volumoso livro, é de que os manuscritos encontrados teriam sido tirados de bibliotecas de Jerusalém por judeus que fugiam do violento ataque dos

romanos contra a cidade santa e escondidos em cavernas e outros lugares ocultos no deserto da Judeia a caminho dos redutos judaicos ao longo da margem ocidental do Mar Morto².

Ao longo de todo livro, Golb usa uma linguagem investigativa que frequentemente coloca em cheque o procedimento dos pesquisadores autorizados comandados por Roland de Vaux e outros estudiosos que apoiavam a tese Qumran-essênios. À postura desses estudiosos ele chama de “empreendimento altamente politizado cujo objetivo era proteger a qualquer custo a antiga teoria sectária”, uma “agenda ideológica” (GOLB, 1996, p. 13). Numa linguagem atraente e bem articulada, seu método é ir demolindo, um por um, os principais argumentos da teoria tradicional, ao mesmo tempo em que frequentemente suspeita da neutralidade, ou mesmo honestidade, dos articuladores iniciais da hipótese tradicional, em especial Roland de Vaux.

Golb faz observações intrigantes no sentido de que nenhum conteúdo dos manuscritos exige que se conclua que tenha existido uma seita em Qumran (GOLB, 1996, p. 67ss). Por exemplo, nas cavernas de Muraba'at foram encontrados documentos do tempo da revolta de Bar Kokhba (132-135 EC), que tinham características documentárias específicas de um grupo isolado, tais como cartas escritas pelo próprio líder, documentos legais relativos à propriedade de terras, e topônimos, isto é, referências a lugares próximos, que são características completamente ausentes nos textos de Qumran. Mas o conteúdo da “Regra da comunidade”, documento chave para sustentar a ideia de uma seita qumrânica, compartilha de características semelhantes a outros grupos judaicos dos primórdios rabínicos do século II EC, que revelam ideais sociais que não demandavam isolamento no deserto. Além disso, não existe, segundo Golb, uma “interligação doutrinal” entre os documentos que evidencie serem eles comuns a uma única seita, ou paralelos conceituais que não estivessem difundidos amplamente no judaísmo da época.

Golb está consciente dos argumentos levantados contra suas teorias, como os apresentados por Yigael Yadin, o famoso arqueólogo filho de Suke-nik, contra estas logo acima. Yadin argumentou que o paralelo feito por Golb não é adequado porque os habitantes de Qumran eram diferentes, isto é, não possuíam propriedades privadas. Entretanto, Golb está convencido de que por trás da insistência nesta hipótese prevalecem certos interesses ideológicos envolvendo a posição e autoridade dos que sustentam a hipótese tradicional, e que estão além do interesse em um debate genuinamente acadêmico.

² Golb (1996, p. 204ss) diz que foi só depois de ter apresentado sua hipótese que teve conhecimento de que K. H. Rengstorff, da Universidade de Münster, já havia proposto, em 1960, que os manuscritos de Qumran eram oriundos de Jerusalém. Neste caso, sua teoria não é uma “revisão” da tese desse erudito alemão, como disse VanderKam (2010, p. 122).

Entre as polêmicas em andamento, a mais importante e atual, segundo García Martínez (2006, p. 317-318), é aquela sobre a interpretação dos dados arqueológicos. Além de confirmações e atualizações dos dados apresentados por De Vaux, como Jodi Magness (2002), há vários trabalhos com teorias divergentes em relação a esse resultado já tradicional. A seguir são apresentados os principais.

Yizhar Hirschfeld (2004), arqueólogo judeu da Universidade Hebraica de Jerusalém, recente e prematuramente falecido, apresentou um trabalho arqueológico propondo o estudo de Qumran de forma não isolada, mas, pela primeira vez, considerando sistematicamente a região toda como principal contexto do assentamento, usando método comparativo, como indica o próprio título de sua obra. A razão é porque sua experiência de escavações em outros sítios na mesma região, com ruínas do mesmo período, mostrou surpreendente semelhança destes com Qumran. A segunda parte do livro discute se a origem dos manuscritos deve ser considerada como sendo Qumran ou Jerusalém.

Este procedimento de Hirschfeld (2004, p. xv) pretende reexaminar as ruínas de Qumran “por seus próprios méritos”, como ele diz no prefácio, o que significa dizer que isso contrasta com a abordagem isolada e religiosa inicial, fortemente influenciada pelos interesses relacionados às origens judaico-cristãs e à Bíblia. Ele propõe até mesmo uma revisão dos termos descritivos “viciados” pela origem religiosa do primeiro arqueólogo pesquisador de Qumran, Roland de Vaux. A constatação é que, na verdade, esse interesse utilitarista inicial e prevalecente acabou tanto distorcendo a interpretação arqueológica do próprio sítio como residência de uma seita, quanto isolando o estudo de Qumran.

Sua conclusão é bem diferente da proposta inicialmente por De Vaux. Já no prefácio do livro ele afirma que, recentemente, mais e mais estudiosos estão admitindo que esses documentos tiveram origem em Jerusalém, mas foram levados para Qumran e colocados naquelas cavernas no tempo da revolta de 66-70 EC. Neste caso, o sítio de Qumran é interpretado de modo secular, como fortaleza, um posto de parada, uma propriedade rural voltada à agricultura, possibilidades que não precisam ser mutuamente excludentes.

Hirschfeld (2004, p. 241ss) constata, enfim, que o quadro arqueológico qumrânico não concorda com a descrição histórica dos essênios ou outros ascéticos que viveram na região, pois as evidências de um complexo herodiano amplo e muito bem construído com sua imponente torre não combinam com as características pacifistas de grupos religiosos pobres. Mesmo assim, pessoas ligadas a esses grupos podem ter trabalhado lá, uma vez que, segundo Hirschfeld, as evidências são de que o local era uma propriedade rural

no período herodiano até a revolta de 66-70 EC, ainda que possa ter sido utilizado para outros fins no período dos hasmoneus.

Ele sugere, então, que os habitantes desse local no período teriam sido de origem saduceia, o que explicaria os aspectos religiosos do local e os banhos rituais, e que os manuscritos teriam sido para lá levados por sacerdotes saduceus de Jerusalém para preservá-los da iminente destruição da cidade. Ele acredita ainda que a grande quantidade de documentos demandou um comboio de animais de carga que teria sido utilizado para salvar os textos sagrados em vista do cerco de Jerusalém e sua iminente destruição.

O resultado do trabalho arqueológico dos especialistas judeus Yitzhak Magen e Yuval Peleg (2007) em associação com a IAA (Israel Antiquities Authority) está também entre as mais recentes revisões radicais da hipótese tradicional. Desde o início eles se propuseram a trabalhar sem levar em conta a relação triangular, isto é, sem considerar os manuscritos e os essênios juntamente com as ruínas, mas pesquisar apenas e tão somente o sítio. Para eles, os dados arqueológicos coletados em suas escavações permitem tratar as questões de Qumran com fatos, e não com conjecturas, ao passo que a pesquisa arqueológica mais antiga foi construída sobre teorias que receberam o *status* de “fatos”.

Magen e Peleg defendem que o propósito inicial da construção principal era militar e não um assentamento rural, muito menos a residência de uma seita. Eles acreditam que os dados mostram um assentamento próprio para fugir das enchentes e fornecer barro para a produção de vasos e utensílios, numa localização estratégica no caminho de duas rotas importantes vindas de Jerusalém, o que não combina com a ideia de habitação de uma seita com pretensões de isolamento. Eles acreditam ainda que o volume e a qualidade das construções iniciais de Qumran são incoerentes não só com a teoria tradicional de uma seita, mas também com a hipótese de um assentamento rural. Na verdade, enquadram-se mais na possibilidade de um posto de comando para as fortificações e docas do Mar Morto com a função de supervisionar o tráfego ao longo da costa e manter comunicação com os quartéis-generais de Hircânia.

Para eles, no entanto, a principal atividade no sítio foi a produção de vasos que funcionou por várias décadas, como mostram as evidências de um centro de produção de vasos altamente desenvolvido e sofisticado. Tal produção, dizem, não tem qualquer relação com uma terapia ocupacional; os vasos não são próprios de uma seita, por razões de pureza religiosa, nem são para guardar manuscritos.

Enfim, a hipótese Qumran-essênios não reina soberana sem turbulências. De fato, os pesquisadores iniciais autorizados defenderam esta teoria. Mas

eles se foram, os manuscritos estão à disposição de todos, e os ventos podem mudar em relação a esse apoio majoritário que tal hipótese tem recebido. Na verdade, alguns já sinalizaram a crescente oposição que ela tem recebido, que, embora não seja nova, ultimamente tem sido mais elaborada e diversificada.

Uma boa maneira de avaliar como a teoria tradicional tem sido cada vez mais contestada está na percepção de García Martínez (2006, p. 314). Segundo ele, o pressuposto geral anterior de que todos os textos encontrados seriam considerados de origem qumrânica até que se provasse outra coisa deu lugar ao inverso. Agora, o pressuposto geral considera que nenhum texto é de origem qumrânica até que se demonstre o contrário.

A hipótese de Boccaccini entre as alternativas atuais à hipótese Qumran-essênios

Gabriele Boccaccini é um estudioso de origem italiana e com formação em universidades italianas, que atualmente vive nos Estados Unidos da América e é professor de estudos sobre o Oriente Próximo na Universidade de Michigan.

Em sua lista de obras publicadas há uma boa gama de trabalhos no campo dos estudos do judaísmo do Segundo Templo, incluindo algumas importantes obras sobre os Manuscritos do Mar Morto neste contexto³.

Entre esses trabalhos está o livro publicado originalmente em 1998, com o título *Beyond the Essene Hypothesis: The parting of the ways between Qumran and Enochic Judaism*, que se enquadra no campo de discussões sobre as possíveis relações entre os Manuscritos do Mar Morto e os essênios.

Publicado no Brasil em 2010, esse livro de Boccaccini está entre os que propõem uma crítica à hipótese essênica clássica. Entretanto, não se trata de uma alternativa oposta, visto que o próprio autor a denomina “hipótese enóquica/essênica, a fim de distingui-la da hipótese essênica clássica”. Boccaccini (2010, p. 37) apresentou a teoria pela primeira vez na VI Conferência de Estudos do Novo Testamento em setembro de 1995, organizada pela Associação Bíblica Italiana.

No final da obra, o autor resume sua tese nestas palavras:

Desde que os Manuscritos do Mar Morto foram descobertos, muitas tentativas de derrubar a hipótese essênica têm sido feitas. Nenhuma superou o ônus da prova. A hipótese essênica permanece a explicação mais provável da evidência e o ponto de partida mais sólido para qualquer discussão do material. Todavia, o desenvolvimento da pesquisa tem apontado para algumas contradições sérias na formulação clássica da hipótese essênica. Somos encorajados a ir além,

³ O currículo de Boccaccini pode ser encontrado na internet em <http://www.umich.edu/~neareast/faculty/boccacci.htm>.

a construir uma hipótese essênica mais refinada, uma que, em primeiro lugar, esclareça a relação entre Qumran e o movimento essênio mais amplo. Embora a evidência mostre predominantemente que a comunidade de Qumran era uma comunidade essênica, os termos “essênio” e “Qumran” têm muitas vezes sido tomados como se fossem idênticos e intercambiáveis, com o resultado de dois confusos fenômenos históricos sobrepostos, porém distintos. (BOCCACCINI, 2010, p. 245).

Na verdade, Boccaccini acredita que a hipótese Qumran-essênios é convincente, mas precisa de atualização no sentido de explicar as inconsistências geralmente alegadas pelos que a contestam. Neste sentido, ele acredita que só é possível andar para frente, isto é, para além (daí o título do livro) dessa hipótese em termos de explorar aspectos que precisam de desenvolvimento. Em outras palavras, para ele essa hipótese tradicional pode ser mais bem explicada e detalhada, mas não substituída. Sua obra não deixa de ser uma tentativa de aprimoramento da famosa hipótese de Groningen desenvolvida por García Martínez.

Entretanto, o que essa obra de Boccaccini faz de forma bem peculiar é uma apresentação que tenta englobar as análises historiográfica e sistêmica, ao mesmo tempo em que as compara. Segundo ele, ao passo que as numerosas críticas revisionistas não são convincentes para mudar radicalmente a hipótese tradicional, elas oferecem um excelente avanço documental para novos horizontes de possibilidades quanto aos problemas de detalhes ainda não explicados satisfatoriamente e de uma visão geral da situação – eis o objetivo maior de sua obra.

A análise chamada de “historiográfica” é uma abordagem das fontes não qumrânicas a respeito dos essênios, reconhecidamente limitadas a registros sobreviventes e às implicações disso, mas reconhecidas como o único material disponível para pesquisa. Nesta análise, o autor apresenta similaridades e discrepâncias entre as fontes judaicas e não judaicas em seus relatos sobre os essênios.

Para Boccaccini, uma conclusão importante em sua análise historiográfica é que há discrepâncias significativas entre as fontes judaicas e não judaicas sobre os essênios, pois enquanto aquelas (especialmente Josefo e Filo) apresentam esse grupo como fenômeno muito difundido e ideologicamente dividido, com adeptos que não viviam em um só local, estas (especialmente Plínio e Dio de Prusa) tendem a considerar uma única comunidade isolada. Esta é uma constatação chave para toda a teoria desenvolvida por esse autor.

A análise sistêmica, que recebe um espaço bem maior no livro, volta-se principalmente para os próprios documentos encontrados em Qumran,

procurando traçar a pré-história, formação e rompimento com o essenismo. Ao mesmo tempo, o autor considera o essenismo essencialmente ligado e sucedendo ao que chama de “judaísmo enóquico”.

Para falar da pré-história de Qumran, o autor precisa lidar com a questão da classificação do material encontrado e isolar os documentos tidos como “sectários”, isto é, produzidos pelo próprio grupo qumrânico. Entre estes ele considera principalmente a “Regra da comunidade”, os “Hinos de ação de graças”, o “Rolo da guerra”, os “Cânticos do sacrifício sabático” e os comentários bíblicos conhecidos como “Pesharim”.

Identificados esses documentos próprios de Qumran, Boccaccini (2010, p. 92ss) esboça o que acredita ser o “sistema de pensamento consistente” que se pode deduzir desses fragmentos, que se resume em três aspectos principais, a saber, dualismo cósmico, predeterminismo, e conceito de impureza e mal de uma comunidade isolada que se vê como único meio de salvação.

Posto isso, o autor tenta reconstruir a pré-história e época formativa da seita de Qumran a partir principalmente dos textos não sectários encontrados nessas cavernas. O objetivo é compreender melhor como a seita chegou a ser o que os documentos sectários apresentam.

Tal pré-história está marcada pelos documentos que são chamados de sadoquitas e enóquicos. Por literatura sadoquita o autor entende os documentos da Bíblia Hebraica ou Antigo Testamento cristão mais a Epístola de Jeremias, Tobias e Sirácida (ou Eclesiástico), e menos Ester e Daniel. Por literatura enóquica, o autor inclui as partes mais antigas do chamado 1 Enoque, isto é, o Livro dos Vigilantes (1 Enoque 6-36) e o Livro Astronômico (1 Enoque 73-82), e também o Levi Aramaico, documentos esses também encontrados em Qumran.

O importante a destacar é que o autor considera essas duas literaturas como representantes de movimentos judaicos distintos contemporâneos, que foram recebidas com igual devoção em Qumran, sem interpolações propositalmente. A literatura sadoquita considera a origem do mal relacionada aos seres humanos e seu livre-arbítrio, o templo como uma réplica da estrutura da terra e do cosmo, e seus sacerdotes, que controlaram o templo até o período macabeu, como guardiões da ordem incorrupta criada por Deus. A literatura enóquica, por sua vez, considera a origem do mal ligada a anjos caídos, sem influência de escolha humana, e questiona a legitimidade do Segundo Templo e do sacerdócio sadoquita.

Assim, segundo Boccaccini, a constatação é que Qumran reuniu textos de dois movimentos judaicos opostos, o sadoquita e o enóquico, ou pró-sadoquita e antissadoquita – um conflito que ainda não estava resolvido no início do século II EC.

Para o que chama de “época formativa” de Qumran, Boccaccini (2010, p. 115ss) se utiliza do livro de Daniel, o livro das Visões em Sonho (1 Enoque 83-90), o livro dos Jubileus, o Rolo do Templo, a Epístola de Enoque com o Apocalipse das Semanas (1 Enoque 91-105), e a Carta Haláquica.

O objetivo principal do autor é demonstrar que esses documentos representam um estágio no qual houve uma intersecção de ideias sadoquitas e enóquicas. O livro de Daniel, por exemplo, ao mesmo tempo em que tem uma visão apocalíptica semelhante à enóquica, defende também a lei mosaica e a legitimidade do segundo templo – questões tipicamente sadoquitas – o que lhe garantiu lugar no cânon rabínico. O livro dos Jubileus, com suas semelhanças inegáveis com o Rolo do Templo, por sua vez, conquanto tenha concepções enóquicas, mostra-se oriundo de Moisés, o principal revelador sadoquita, ainda que tenha considerado a lei mosaica incompleta. Da Epístola de Enoque e Carta Haláquica, o autor destaca, por exemplo, a concepção de um grupo de escolhidos dentre os escolhidos a serem revelados no futuro, não no presente. Para ele, isso representa um grupo judaico determinado a manter sua identidade separada, ao mesmo tempo em que se vê com uma missão para todo Israel na esperança de converter a totalidade da nação.

Para Boccaccini (2010, p. 159ss), o rompimento de Qumran com o judaísmo enóquico, ou judaísmo essênio, é demonstrado principalmente pelo Documento de Damasco, que se constitui o “texto-ponte” entre a literatura enóquica mais antiga e a literatura sectária de Qumran. Por um lado, esse documento não foi produzido em Qumran, uma vez que foi encontrado também no Guenizá do Cairo, e não deixou nenhum indício de se referir a uma comunidade geograficamente isolada. Por outro lado, ele fala que Deus não escolheu todo Israel desde o princípio do mundo, mas apenas um remanescente dele, que é um traço sectário ausente na literatura enóquica anterior, e que apresenta os seguidores do “mestre de justiça” como um grupo com identidade própria dentro do movimento enóquico.

Boccaccini (2010, p. 170ss) aposta que as ausências em Qumran, pelo menos boa parte delas, são ausências de “censura sectária”, isto é, propositais. Ele se refere especialmente às partes ausentes da literatura enóquica posterior que compõe hoje o 1 Enoque, a saber, a Epístola de Enoque e o Livro das Similitudes, mas também Os Testamentos dos Doze Patriarcas. Assim, para ele, além do fato de não ter sido encontrado em Qumran qualquer documento que claramente contradiga as ideias básicas do grupo, nem qualquer referência à corrente farisaica, ou ao judaísmo helenístico, ou ainda aos começos do cristianismo, a “ausência mais extraordinária de todas” é, segundo ele, a desta literatura enóquica posterior.

Portanto, tais ausências não se explicariam somente por acidente, mas por rejeição desses documentos por parte de Qumran, visto que tendem a apresentar não somente elementos não qumrânicos, mas também antiqumrânicos. Um exemplo típico é a condenação explícita da ideia básica qumrânica de que os seres humanos são vítimas de um universo corrompido por rebelião angélica e, por isso, não são responsáveis por seus próprios pecados.

Somando tais evidências com o conteúdo dos Pesharim, que mostram o mestre de justiça como um dissidente de um momento matriz em relação ao grupo sectário qumrânico, e trazem referências a rivais e mesmo a traidores, e com a falta de impacto substancial no judaísmo predominante, o autor conclui que o movimento qumrânico foi uma aposta infeliz de um grupo sempre minoritário e sem sucesso. O grupo preservou textos antigos, mais ou menos como os cristãos preservaram sua “antiga aliança”, que chamam de Antigo Testamento, mas os reinterpreto e produziu seus próprios documentos sectários, característicos de um movimento que não conseguiu se impor no ambiente judaico mais amplo.

Em conclusão, numa comparação das análises historiográfica e sistêmica, Boccaccini (2010, p. 213ss) acredita que seu método contribui para confirmar e, ao mesmo tempo, esclarecer melhor a hipótese essênica para os Manuscritos do Mar Morto. A ideia é superar a prática comum de paralelos casuais que tanto marca a pesquisa que pressupõe a hipótese essênica tradicional.

Essa obra de Boccaccini foi escolhida como eixo desse artigo por duas razões principais. Primeiro, porque ela representa a tendência recente de ir além da prevalecente hipótese Qumran-essênios, isto é, ao mesmo tempo em que mantém a hipótese tradicional em suas bases principais, procura solucionar as discrepâncias. Neste sentido, a tese de Boccaccini representa bem uma tendência recente nos estudos qumrânicos. Em segundo lugar, trata-se de uma publicação recente de vanguarda em português sobre um assunto de primeira importância para o estudo das antiguidades, que não têm recebido muita atenção no Brasil e, conseqüentemente, sem muitas publicações.

De fato, comparada à facilidade com que vários autores cruzam os dados entre essênios e Qumran, fazendo citações paralelas sem maior preocupação com o contexto geral, a tese de Boccaccini é muito bem-vinda. Mas sua contribuição certamente vai muito além deste aspecto. Algo a se mencionar de imediato é que ela faz parte de um período em que os estudos do judaísmo antigo passaram a revelar cada vez mais o quanto este era mais complexo do que sustentava a prevalecente tese de um judaísmo normativo, comum – uma tese que pressupunha um judaísmo mais unificado e menos fragmentado⁴.

⁴ Discuti este assunto num capítulo que faz parte de um livro que aborda vários aspectos desse tema (MACHADO, 2010, p. 286-292).

Há que se ressaltar ainda mais que o procedimento metodológico proposto na obra enquadra-se muito bem nas tendências recentes de abordagem comparativa e interdisciplinar. Embora não de caráter explicitamente interdisciplinar, tal concepção está em seu bojo, pois a obra exemplifica um método de comparação que vai muito além das meras citações paralelas amiúde encontradas nas obras do gênero.

Portanto, a tese de Boccaccini é representante da tendência de sofisticar e esmiuçar o estudo do tema em questão, tendo em vista tanto os resultados que a pesquisa vem apresentando ao longo desses anos, como os novos horizontes que se apresentam depois de seis décadas da descoberta.

Mas a hipótese de Boccaccini, por si mesma, conquanto sofisticada e merecedora de atenção, naturalmente também precisa ser criticada quanto aos pontos que necessitam, pela perspectiva do crítico, de melhor embasamento, revisão ou mesmo reformulação completa.

De fato, Boccaccini já recebeu críticas, que foram resumidas por VanderKam (2010a, p. 268-275). Vale a pena dar atenção ao âmago destas críticas, ao mesmo tempo em que é possível aprimorá-las ainda mais.

A questão que mais sobressai diante da exposição de Boccaccini é que parece existir uma demasiada dependência de uma espécie de sistematização de ideias coerentes e isolamento de ideias conflitantes para deduzir discrepâncias, discordâncias e tendências sectárias do grupo. Este procedimento dá ares de uma sistematização teológica anacrônica, isto é, uma tendência a pensar em termos de uma teologia dogmática ou sistemática que define as linhas teológicas de grupos diferentes.

Todavia, a sistematização teológica, neste sentido, é prática posterior típica da Igreja cristã. Além disso, é preciso considerar que grupos religiosos podem conviver internamente, e às vezes convivem muito bem, até mesmo com contradições teológicas. Isso quer dizer que as discrepâncias teológicas de um documento ou entre documentos não indicam, necessariamente, grupos distintos. Além do mais, nesses textos, os pontos de discussão em primeira instância são de natureza legalista e não teológica, o que torna mais difícil sustentar uma ruptura em termos teológicos com base nos documentos.

Boccaccini afirma que o conflito entre judaísmo sadoquita e enóquico não estava resolvido até o início do século II EC. Mas, por causa da escassez de documentos encontrados, não há como ter certeza de que as doutrinas da origem adâmica e angélica do mal, ou do predeterminismo e do livre-arbítrio não tenham convivido em tensão mesmo depois, à semelhança do que ocorreu com a literatura cristã. Também não é possível afirmar, como faz Boccaccini, que o determinismo histórico era amplamente aceito no judaísmo intermediário, mas Qumran tinha implicações peculiares do dualismo

cósmico para o indivíduo. O problema é que não há fontes suficientes para sustentar uma afirmação tão ampla.

Entrementes, mesmo no âmbito da literatura qumrânica que sobreviveu é possível argumentar que há evidências exegéticas de que esses elementos doutrinários estão em tensão até mesmo num único documento. Um exemplo é o predeterminismo e o livre-arbítrio na “Regra da comunidade”. Toda a elaboração teológica que faz Boccaccini para explicar como os autores deste documento harmonizariam as exortações para o comportamento moral e voluntário com a predestinação individual ligada à criação do ser humano com nove espíritos, parte deles sendo má e parte boa, toma por certo que essa era a “teologia qumrânica”. Todavia, esses dois elementos estão presentes no texto sem que o próprio texto os tente harmonizar. Ele apenas afirma as duas coisas sem maiores explicações, à semelhança de alguns textos do Novo Testamento que apresentam predestinação e livre-arbítrio de modo paralelo e sem maiores esclarecimentos, o que tem dado fôlego para um infundável debate entre os teólogos cristãos. Naturalmente, este paralelo não é exato, mas ilustra a situação.

No caso específico dos textos qumrânicos, eles dificilmente tomam forma de uma teologia sistemática, pois os conteúdos apresentados ali não são exposições completas dos temas abordados, algo que está relacionado à própria natureza do documento. Ainda que seja válida uma abordagem sistemática desses textos, é preciso ter em conta que esses escritos não contêm proposições sistemáticas a serem analisadas.

De fato, é importante ressaltar mais uma vez, a quantidade de literatura sobrevivente desse período é muito pequena e ilustra quão pouco sabemos sobre o judaísmo do Segundo Templo. Daí ser preciso muita cautela para desenvolver teorias mais amplas de possíveis desenvolvimentos e rupturas entre grupos judaicos do período. Por exemplo, o próprio fato de que, segundo Boccaccini, o mesmo grupo qumrânico reuniu documentos dos três tipos de judaísmo alegado põe a tese toda em questão, pois se um mesmo grupo reuniu e usou esses documentos conflitantes, decorre perguntar por que é necessário assumir que eles representam grupos diferentes. Outro exemplo é o apelo desse autor para a “censura sectária” de textos ausentes em Qumran. O problema é que falar em termos de censura sectária é artificial, uma vez que foi encontrada apenas uma parte desses documentos, que não permite tirar conclusões nem mesmo sobre se o que foi encontrado é uma parte pequena ou grande do conjunto todo que existiu⁵.

⁵ A questão dos limites das fontes para desenvolvimento de teorias a respeito do judaísmo antigo foi discutida por Stone (2011).

A própria classificação literária proposta por Boccaccini também merece considerações. Embora sua classificação de literatura “sadoquita, enóquica e sectária” evite o anacronismo de “bíblica, apócrifa e pseudepígrafa”, ela pressupõe um desenvolvimento da literatura sadoquita e enóquica de modo dualista e distinto. Mas isto está sujeito a certa artificialidade, tendo em vista as possibilidades de desenvolvimento histórico.

Assim, conquanto muito útil para o trabalho de reconstrução histórica dos documentos qumrânicos e do judaísmo antigo, a hipótese enóquica/essênica é uma tentativa de reconstrução bastante ousada e sofisticada diante da modesta quantidade de fontes disponíveis.

Considerações metodológicas e a hipótese Qumran-essênica

Como é possível perceber a partir dos autores de ponta sobre esses manuscritos, desde o início a hipótese Qumran-essênica foi imposta com vigor e logo adotada pela grande maioria de pesquisadores do tema. Mas esta rápida imposição e supremacia de uma hipótese inicial sobre questão tão complexa, como se pode constatar melhor hoje, por si só merece uma revisão completa para investigar se não estamos diante de uma posição que prevaleceu prematuramente, num período em que as informações eram bem mais escassas do que atualmente. Não é por acaso que o recente manual de Oxford, editado por Lim e Collins (2010, p. 1-2), deseja trabalhar com os “não consensos” sobre esses manuscritos.

Entretanto, é importante ressaltar que essa hipótese tradicional prevalece até hoje, ressurgindo de modo mais sofisticado, como mostra a obra de Boccaccini. O manual acima referido, por exemplo, ainda que pretenda falar dos temas em disputa, logo na primeira página da introdução parece pressupor que existia, de fato, uma seita judaica por trás desses documentos.

Por tudo isso, e diante desse quadro geral, a continuidade da investigação do tema precisa reconhecer que não há uma palavra final. Ao mesmo tempo, entretanto, a pesquisa deve procurar dar outros passos ainda, agora procurando esclarecer e aprimorar sua metodologia a partir dos resultados apresentados até então. Mais do que apresentar soluções, o momento é de fazer perguntas pertinentes (GARCÍA MARTÍNEZ, 2006, p. 317).

Etimologicamente falando, “método” é o caminho que se percorre para chegar a um resultado de trabalho, e “metodologia” diz respeito às razões pelas quais tal caminho foi escolhido. Entretanto, podemos incluir os dois aspectos neste último termo, “metodologia”, e procurar, então, falar de considerações necessárias para se elaborar uma metodologia no presente momento.

Por essa perspectiva, após 60 anos das descobertas e do início das pesquisas, é possível mapear os caminhos percorridos e inquirir sobre as

prováveis razões para tal escolha, a fim de testar a hipótese essênica clássica. Por isso mesmo, é também possível levantar alguns questionamentos sobre a coerência metodológica e apontar caminhos mais coerentes com a riqueza atual dos dados.

Um bom lugar para começar as considerações seria com a constatação inicial de Sukenik de que a “Regra da comunidade” apontava para a conclusão de que se tratava de uma seita correspondente aos essênios dos autores clássicos. Essa relação tentadora inicial seria natural, num primeiro momento, a qualquer pesquisador como ele que conhecesse os clássicos e tivesse os primeiros contatos com este documento.

Entretanto, outras teorias poderiam ter surgido – e, de fato, surgiram – desde o início. Agora que baixou a poeira da batalha por acesso e publicação do material, é possível avaliar melhor os argumentos pró e contra que foram primeiramente apresentados no calor dos conflitos por direito de acesso e privilégios. Para a época logo após a descoberta, pode até ser considerado natural que as atenções se voltassem para a natureza do grupo por trás dos manuscritos e suas relações com outros grupos conhecidos, notoriamente os primeiros cristãos, mas agora é preciso reconhecer que a hipótese essênica, como então apresentada, não mais se sustenta (GARCÍA MARTÍNEZ, 2006, p. 312, 324).

Os primeiros pesquisadores que, enfim, ficaram com o acesso exclusivo ao material eram, quase todos, religiosos que logo perceberam a importância do que tinham nas mãos para a tradição judaico-cristã ocidental. Desde o início, portanto, todo o trabalho ficou permeado de rótulos e termos anacrônicos, em sua maioria de conotação religiosa, inclusive a apresentação arqueológica feita por De Vaux. Tal consideração é muito relevante porque os rótulos empregados não são designações neutras, mas altamente carregadas de valor.

De uma perspectiva mais ampla, é preciso reconhecer que a visão geral a respeito do judaísmo antigo tem mudado significativamente nos últimos anos, como já mencionado, para o que os manuscritos de Qumran contribuíram decisivamente. Especialmente a ideia antes prevalecente de que existia um judaísmo mais ou menos monolítico tem dado lugar ao reconhecimento de que o judaísmo era muito mais diverso do que vinha sendo admitido até então. Há, inclusive, os que preferem falar em “judaísmos”, no plural, em lugar do termo no singular, tendo em vista que o grau de diversidade demonstra ter sido bem maior do que era antes suposto. Essa nova situação geral pede uma revisão ampla dos resultados obtidos num período em que tal não era concebido.

A relação interdisciplinar é outro elemento que deve ser considerado metodologicamente nos avanços da pesquisa sobre os Manuscritos do Deserto

da Judeia em geral. A História e a Arqueologia, por exemplo, são disciplinas intimamente relacionadas ao estudo desse tema pela própria natureza do que está envolvido, pois são documentos e fragmentos de documentos antigos descobertos em cavernas próximas a um sítio arqueológico.

Ganha grande importância, portanto, o fato de que as disciplinas História e Arqueologia têm sofrido profundas transformações nas últimas décadas. Há uma crescente tendência a questionar antigas posturas que tornam a pesquisa desvinculada da sociedade e seu desenvolvimento, como se a produção científica pudesse se desenvolver satisfatoriamente de modo “neutro”, à parte da sociedade e das mudanças sociais⁶.

Mas, conforme indicam os estudos de Funari (2007), por exemplo, uma vez surgidos esses questionamentos, as Ciências Humanas e Sociais experimentaram uma sensível transformação. Os modelos explicativos que entendiam a sociedade e a cultura como realidades homogêneas deram lugar a uma explicação mais plausível dessas realidades ao considerar sua pluralidade e, por isso mesmo, suas contradições e contrastes.

No caso específico aqui mencionado, da relação da História com a Arqueologia, ocorreram transformações muito significativas. A Arqueologia deixou de ser tratada pura e ingenuamente, de modo apenas descritivo, e passou a ser entendida como ciência que demanda interpretação. O arqueólogo também é um intérprete.

Nessa mudança, no entanto, também está incluída a superação da condição da Arqueologia como apenas serva da História. Aquela, até então relegada ao papel secundário de tão somente fornecer dados para comprovação desta como vista pelos historiadores, passa a ter independência.

Isso tudo quer dizer que o reconhecimento de que as fontes históricas não fornecem informações objetivas e imparciais, antes parciais e condicionadas aos autores dos textos, tem sérias implicações. Assim, a Arqueologia, ao mesmo tempo em que foi considerada também sujeita aos mesmos condicionamentos, ganhou independência.

Isso implica reconhecer que as evidências históricas e arqueológicas devem ser consideradas, dentro de suas respectivas limitações interpretativas, como fontes de evidência do passado de modo independente. Assim, História e Arqueologia devem caminhar de modo paralelo e independente, o que vale também para as demais disciplinas das Ciências Humanas.

No campo particular dos documentos de Qumran, a tendência a pesquisar os textos e evidências arqueológicas para comprovar interpretações de textos sagrados deve ser metodologicamente superada por pesquisas mais

⁶ Um exemplo de que os estudos arqueológicos hoje em Israel demandam muito mais do que apenas o mundo científico da pesquisa é o artigo de Silberman (1997).

independentes, que associem as disciplinas destacando as contribuições e respeitando os limites da cada uma, objetivando resultados integrados.

Uma metodologia para o estudo arqueológico de Qumran precisa levar em consideração tais mudanças. Há lugar importante para certa independência da arqueologia (MAGEN; PELEG, 2007) e, talvez principalmente, para a pesquisa de sítios comparados (HIRSCHFELD, 2004), mas tirando proveito de propostas metodológicas comparativas como a de Detienne (2004), por exemplo, baseada na relação das disciplinas das Ciências Humanas para construção do conhecimento.

De fato, como conclui Meyers (2010, p. 21-45), é contrário às evidências e não mais realista o estudo do sítio de Qumran como se este representasse um grupo isolado sem contato com a sociedade ao redor, o que certamente inclui reconhecer a importância dos outros sítios da região para a pesquisa de Qumran.

Enfim, o futuro dos estudos sobre esses ricos e importantes documentos, bem como o futuro da hipótese Qumran-essênios, deverá ser marcado agora por abordagens metodológicas mais minuciosas, precisas e interligadas. Ao passo que, naturalmente, os debates continuarão em diversos aspectos, incluindo a disputa em torno da hipótese tradicional Qumran-essênios, hoje a situação é completamente diferente e exige novas ferramentas metodológicas.

Considerações finais

O propósito desse artigo não foi apresentar uma defesa ou uma oposição à peculiar teoria de Boccaccini ou mesmo à tradicional hipótese essênica. Este propósito já foi objeto de diversos artigos e livros, e continuará sendo no futuro.

O objetivo foi fornecer um esboço do quadro geral no qual está inserida essa obra de Boccaccini que agora está disponível em português. Entretanto, esse procedimento oferece não só o contexto desse debate bem específico, mas também ilustra os caminhos que estão sendo percorridos por aqueles que estão engajados no estudo das fontes judaicas antigas, notadamente dos Manuscritos do Deserto da Judeia.

Isso quer dizer, por exemplo, que hipóteses altamente sofisticadas têm seu lugar e podem contribuir para melhor compreender o judaísmo antigo, mas, ao mesmo tempo, precisam ser avaliadas diante da modesta quantidade de fontes existentes, sem falar nas dificuldades de leitura e interpretação das fontes disponíveis, que frequentemente são desafios nesse tipo de trabalho.

A pluralidade de abordagens disciplinares, outro aspecto tratado, também desafia o pesquisador a desenvolver metodologias mais específicas e sofisticadas, mas, ao mesmo tempo, com maior consciência de seus limites. Se,

por um lado, os todos documentos estão agora disponíveis e novos recursos estão à mão, por outro lado também há uma melhor visão sobre o modesto limite dessas fontes.

Referências

- BAUMGARTEN, A. I. Reflections on the Groningen Hypothesis. In: BOCCACCINI, G. (Ed.). **Enoch and Qumran origins: new light on a forgotten connection**. Grand Rapids: Eerdmans, 2005. p. 247-326.
- BOCCACCINI, G. **Além da hipótese essênia: a separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico**. São Paulo: Paulus, 2010.
- BURROWS, M. **More light on the Dead Sea Scrolls: new scrolls and new interpretations**. London: Secker & Warburg, 1958.
- DE VAUX, R. **Archaeology and the Dead Sea Scrolls: the Schweich lectures**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- DRIVER, G. R. **The Judaean Scrolls: the problem and the solution**. Oxford: Blackwell, 1965.
- DUPONT-SOMMER, A. **The Dead Sea Scrolls: a preliminary survey**. Oxford: Blackwell, 1952.
- DUPONT-SOMMER, A. **The Jewish sect of Qumran and the Essenes: new studies on the Dead Sea scrolls**. New York: Macmillan, 1956.
- DUPONT-SOMMER, A. **The Essene writings from Qumran**. Oxford: Blackwell, 1961.
- FUNARI, P. P. **A arqueologia e patrimônio**. Erechim: Habilis, 2007.
- GARCÍA MARTÍNEZ, F.; BARRERA, J. T. **Os homens de Qumran: literatura, estrutura e concepções religiosas**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GARCÍA MARTÍNEZ, F.; VAN DER WOUDE, A. S. A Groningen Hypothesis of Qumran origins and early history. **Rev/Q**, v. 14, n. 56, p. 521-541, 1999.
- GARCÍA MARTÍNEZ, F. **Qumran en el siglo XXI**. Cambios y perspectivas después de 50 años de estudios. MEAH, sección Hebreo, v. 55, p. 309-334, 2006.
- GARCÍA MARTÍNEZ, F. The Groningen hypothesis revised. In: ROITMAN, A. et. al. (Eds.). **The Dead Sea Scrolls and contemporary culture**. Leiden: Brill, 2011. p. 17-29.
- GOLB, N. **Quem escreveu os manuscritos do Mar Morto?** Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HIRSCHFELD, Y. **Qumran in context: reassessing the archaeological evidence**. Peabody: Hendrickson, 2004.
- LIM, T. H.; COLLINS, J. J. (Eds.). **The Oxford handbook of the Dead Sea Scrolls**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- MACHADO, J. Identidade paulina em construção: de Saul o fariseu a Paulo o apóstolo de Jesus Cristo. In: NOGUEIRA, P. A. S. et. al. (Orgs.). **Identidades fluidas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo**. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2010. p. 283-329.
- MAGEN, Y.; PELEG, Y. **The Qumran excavations 1993-2004; preliminary report**. Jerusalem: Judea & Samaria Publications, 2007.
- MAGNESS, J. **The archaeology of Qumran and the Dead Sea Scrolls**. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

- METSO, S. When the evidence does not fit: method, theory, and the Dead Sea scrolls. In: GROSSMAN, M. L. (Ed.). **Rediscovering the Dead Sea scrolls: an assessment of old and new approaches and methods**. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.
- MEYERS, E. M. Khirbet Qumran and its environs. In: LIM, T. H.; COLLINS, J. J. (Eds.). **The Oxford handbook of the Dead Sea Scrolls**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 21-45.
- MILIK, J. T. **Ten years of discovery in the wilderness of Judaea**. London: SCM Press, 1963.
- ROTH, C. **The historical background of the Dead Sea Scrolls**. Oxford: Basil Blackwell, 1958.
- SCHIFFMAN, L. H. **Qumran and Jerusalem: studies on the Dead Sea scrolls and the history of Judaism**. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.
- SILBERMAN, N. A. Structuring the past: Israelis, Palestinians, and the symbolic authority of archaeological monuments. SILBERMAN, N. A.; SMALL, D. (Eds.). **The archaeology of Israel: constructing the past, interpreting the present**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997. p. 62-81.
- STONE, M. E. **Ancient Judaism: new visions and views**. Grand Rapids: Eerdmans, 2011.
- SUKENIK, E. **Otsar ha-megilot ha-genuzot: shebi-yede ha-oniversitah ha-ivrit**. Yerushalaim: Mosad Bialik, 1948.
- SUKENIK, E. (Ed.). **The Dead Sea scrolls of the Hebrew University**. Jerusalem: Magnes, 1955.
- VANDERKAM, J. C. The Book of Enoch and the Qumran Scrolls. In: LIM, T. H.; COLLINS, J. J. (Eds.). **The Oxford handbook of the Dead Sea Scrolls**. Oxford: Oxford University Press, 2010a. p. 254-277.
- VANDERKAM, J. C. **The Dead Sea Scrolls today**. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2010b.
- VERMES, G. **Os manuscritos do Mar Morto**. São Paulo: Mercuryo, 1997.

Submetido em: 9/2/2012

Aceito em: 23/7/2012